

**GABRIELA PENSE  
MIRIAM DE JESUS CRUZ**

**A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS  
NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA**

**FACCAMP  
2009**

**GABRIELA PENSE  
MIRIAM DE JESUS CRUZ**

**A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS  
NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA**

Monografia apresentada como exigência para a aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da FACCAMP, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> MS Lucimar Canônico de Santi.

**FACCAMP  
2009**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nota do Professor Orientador: \_\_\_\_\_

Nota do Professor Avaliador: \_\_\_\_\_

Nota Final: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujo olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.”*

Rubens Alves

## **Dedicatórias**

Dedico esse trabalho primeiramente ao meu Deus, que me abençoou e ajudou sempre, à minha família em especial aos meus pais, por serem a minha estrutura e estarem sempre ao meu lado, aos meus sobrinhos que fazem sorrir o meu coração, à minha amiga e companheira de trabalho e a todos os meus amigos que fazem minha vida ser especial.

Gabriela Pense

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que tanto me abençoou e deu forças para seguir em frente, à minha família, a minha parceira de trabalho, e a todos que participaram da minha vida durante todo esse processo, me incentivando para que meu sonho se tornasse real.

Miriam de Jesus Cruz

## **Agradecimentos**

“Agradeço primeiramente a Deus por me guardar como a menina dos olhos dele e por ter sido o meu socorro bem presente, à minha mãe, ao meu pai e aos meus sobrinhos, à minha amiga e parceira de todas as horas por toda a dedicação e compreensão, às minhas amigas que são mais que especiais, à nossa orientadora, professora MS. Lucimar pela paciência e a todos que por alguma razão fizeram a diferença na busca pelo nosso sonho.”

Gabriela Pense

“Agradeço primeiramente a Deus pela sua eterna bondade em minha vida e à minha amiga e parceira de trabalho pela paciência dedicação, e à nossa família que nos incentivou a todo tempo a seguir em frente com o nosso objetivo.”

Miriam de Jesus Cruz

## RESUMO

Neste trabalho cujo tema é “A influência das histórias infantis na aquisição da leitura e escrita” teve como objetivo desmistificar o uso das histórias infantis como uma simples recreação, mostrando que pode ser uma grande fonte de aprendizagem, além disso, buscamos identificar qual a contribuição que as histórias infantis proporcionam para a aquisição da leitura e escrita. Mediante as histórias infantis é possível contribuir de maneira favorável para o desenvolvimento e ampliação do vocabulário e de diversas formas de linguagem, além de estimular as funções cognitivas da criança.

**Palavras chaves:** leitura, escrita, aprendizagem e histórias infantis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	08
<b>2.1 Aquisição da leitura e da escrita: letramento</b> .....	08
2.1.1 Aquisição da leitura .....	08
2.1.2 Aquisição da escrita .....	09
2.1.3 Definição de letramento .....	11
<b>2.2 A linguagem oral e a linguagem escrita: o letramento</b> .....	14
2.2.1 Aprendizagem da língua oral .....	14
2.2.2 Entre a oralidade e a escrita .....	15
<b>2.3 Ler e contar histórias</b> .....	18
2.3.1 A diferença entre ler e contar histórias .....	19
2.3.2 Como garantir uma boa história .....	20
<b>2.4 A ligação entre ouvir histórias e adquirir e desenvolver a escrita e a leitura</b> .....	21
<b>3 CONCLUSÃO</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	26



# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo verificar a influência das histórias infantis no desenvolvimento e na aquisição da leitura e da escrita das crianças e os procedimentos envolvidos nesse processo. Sendo a leitura e a escrita dois fatores fundamentais no desenvolvimento e evolução do ser humano e de grande importância para a formação do indivíduo responsável e atuante na sociedade.

Segundo José e Coelho (1993), o processo de leitura envolve a identificação de letras e palavras por meio da visão, havendo uma conexão entre a linguagem falada e as formas escrita da linguagem. Para desenvolver a escrita é preciso ordenar as idéias na mente. Escrever significa relacionar o signo verbal a um signo gráfico, planejando e colocando as palavras no papel.

Para que haja um bom desenvolvimento dessas atividades, existe um fator importante que é o letramento. Segundo Soares (2004), a palavra letramento veio da necessidade de se criar novas palavras ou dar um novo sentido às velhas palavras mediante novos fenômenos; esse termo tornou-se necessário para a nova realidade que não consiste em apenas ler e escrever, mas em aprender e fazer uso da leitura e da escrita na sociedade.

Este trabalho também trata do aprendizado da língua oral e sua relação com a língua escrita.

Segundo Ferreira e Teberosky (1999), a escrita é uma forma de transcrever a linguagem, esse processo consiste em relacionar som e grafia.

Esta pesquisa enfoca a importância e a diferença de se ler e de se contar histórias, e como devemos trabalhar cada uma delas, para que se tornem atividades aproveitáveis para o desenvolvimento intelectual da criança. Embora a prática de ler e contar histórias seja encarada muitas vezes como uma forma de recreação e divertimento, as histórias infantis têm a capacidade de proporcionar à criança uma viagem para se descobrir coisas novas e lugares no nosso imaginário; dessa forma o ler e o contar histórias têm grande relação com a afetividade, ajuda a criança na construção da sua identidade e desenvolve a sua imaginação permitindo-lhe expressar suas idéias, proporcionando momentos de interação com a linguagem.

Para a criança, ler e ouvir histórias desde cedo é um caminho para ingressar no mundo letrado, pois quando a criança vive em um ambiente onde há materiais de leitura expostos para seu manuseio, e se existem pessoas tanto em casa quanto na escola que os incentivem a essa prática, com toda a certeza, haverá interesse e prazer pela leitura, abrindo assim um caminho para a formação de um leitor e escritor crítico e consciente.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Aquisição da leitura e da escrita: letramento**

Aqui, abordaremos a leitura, a escrita, o letramento e o processamento de todos. Embora leitura e escrita estejam ligadas, cada uma tem suas características específicas de aprendizagem, necessitando assim serem discutidas separadamente.

#### **2.1.1 Aquisição da leitura**

A leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. (José e Coelho, 1993, p. 84)

Segundo as autoras, o processo de leitura envolve a identificação de letras e palavras por meio dos órgãos da visão, que recebem estímulos gráficos e os transmitem para os centros visuais do cérebro. É preciso que a criança aprenda a diferenciar visualmente cada letra impressa e perceber que cada símbolo gráfico tem um correspondente sonoro, além da relação dos símbolos gráficos com os sons que eles representam. O indivíduo percebe os símbolos gráficos, compreende seu significado, assimilando os fatos de acordo com sua vivência.

Fonseca (1995), afirma que o processo da leitura é a conexão da linguagem falada e as formas escritas da linguagem, e tradução das letras impressas com equivalência sonora e significados. A criança precisa decodificar as letras impressas, reconhecendo os sons de cada letra e seu significado linguístico.

Embora os seres humanos possam aprender a ler frequentando à escola, observamos que aprender é um processo complexo e lento que envolve várias etapas. Para ler é necessário associar os símbolos impressos graficamente, envolvendo a visão e audição, para isso precisamos ter um bom funcionamento do cérebro.

[...] A concepção de leitura que a considera como uma atividade a ser ensinada na escola, não como mero pretexto para outras atividades e outros tipos de aprendizagem, está embasada em modelos já bem definidos sobre como processamos as informações.” (Kleiman ,1984, p.31)

Ou seja, esses modelos tratam dos aspectos cognitivos da leitura, ligados à relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, tratando a linguagem escrita e compreensão, memória, inferência, e pensamento, processando a informação,

percebendo o material linguístico e fazendo agrupamentos, iniciando o processo de fatiamento que começa pelos olhos e permite a percepção do material escrito e a memória que organiza em unidades significativas ajudada por uma memória intermediária que torna acessível os conhecimentos relevantes para a compreensão do texto.

Aprender a ler de forma competente é muito mais do que decifrar mensagens; trata-se de procurar um sentido e questionar algo escrito a partir de uma realidade. Para isso são colocadas em prática estratégias de leitura para auxiliar os alunos a interpretar e compreender os textos lidos de forma autônoma.

“ Uma prática muito empobrecedora está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno.” (Kleiman, 1993, p. 20)

Cabe ao professor ter consciência desses processos para auxiliar seus alunos a construir seu “saber-ler” e “saber-escrever” contribuindo assim para o desenvolvimento de alunos leitores escritores de textos.

Abordamos a seguir o processo de escrita. A leitura e a escrita estão correlacionadas, no entanto trataremos ambas dimensões separadamente para que possamos diferenciar seus processos de aquisição.

### **2.1.2 Aquisição da escrita**

A escrita é uma linguagem expressiva caracterizada por um sistema de símbolos visuais que têm a função de transmitir pensamentos, sentimentos e idéias. Podemos dizer que o processo de escrita envolve várias etapas sendo também um processo complexo para a criança. A criança aprende e compreende a usar a palavra “falada” e, posteriormente a ler e a expressar as idéias através da escrita.

Conforme José e Coelho (1993), a escrita é uma das formas superiores de linguagem: a pessoa para escrever precisa ser capaz de conservar a idéia na mente, ordenando-a em uma determinada sequência e relação. Para elas, escrever significa relacionar o signo verbal, que já é um significado a um signo gráfico, planejando e esquematizando a colocação das palavras ou idéias no papel.

Quando o professor procura facilitar o processo de aquisição da escrita para as crianças, ele pode contar com a vantagem do desejo natural de aprender coisas novas que elas têm, ou seja, todas as crianças alfabetizadas ou não demonstram gosto por escrever, rascunham palavras inteligíveis, desenhos abstratos, tentando dar sentido aos textos por elas elaborados.

O processo de escrita de um escritor principiante se dá em função de seus propósitos e de sua satisfação, direcionando quanto tempo e atenção deseja destinar para seu texto.

A teoria de Piaget nos permite introduzir a escrita enquanto objeto de conhecimento, e o sujeito da aprendizagem, enquanto sujeito cognoscente, ou melhor, o ponto de partida para toda aprendizagem é o próprio sujeito que é definido em função de seus esquemas assimiladores disponíveis, e não somente o conteúdo a ser abordado.

Já Vigotski (1991:133), coloca que “ensinar a escrita nos anos pré-escolares impõe necessariamente que a escrita seja relevante à vida (...) que as letras se tornem elementos da vida das crianças , da mesma maneira como, por exemplo, a fala. Da mesma forma que as crianças aprendem a falar, elas podem muito bem aprender a ler e escrever”.

Na escrita é estabelecida uma relação entre audição (palavra falada), o significado (vivência da criança) e a palavra escrita. Sendo assim, a escrita como representação da linguagem oral passa por diferentes estágios de desenvolvimento.

“(...) o professor deve estar atento para resolver as dificuldades que o uso de estruturas típicas da escrita podem causar para o leitor menos proficiente, podendo até comprometer a compreensão.” (Kleiman ,1984, p., 39)

A evolução gráfica da criança é resultado de uma tendência expressiva, representativa, revelando sua particularidade, esse processo de escrita envolve várias etapas tornando-se um processo complexo para a criança. Para expressar as palavras graficamente, é necessário que a criança conheça os fonemas o valor correspondente a cada uma das letras.

Nas fases da aprendizagem é importante que a criança receba estímulos, no entanto, a motivação nem sempre é suficiente para que a criança alcance os objetivos a serem atingidos na fase da escrita e da leitura.

### **2.1.3 Letramento**

A palavra letramento é a tradução da palavra de origem inglesa literacy cujo significado é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever, esse conceito imprime a idéia de que a escrita traz conseqüências culturais, sociais, políticas, cognitivas, econômicas, linguísticas, tanto para o grupo social no qual está inserida quanto para indivíduo que aprende a usá-la.

Segundo Magda Soares (2004) o termo letramento teve suas primeiras menções no livro de Mary Kato, de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística, Editora Ática) , dois anos depois o termo letramento volta a aparecer no livro de Leda V. Tfouni ( Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso, Editora Pontes).

A autora coloca que esse termo surgiu da necessidade em criar novas palavras ou dar sentido a velhas mediante novos fatos, idéias ou maneiras de compreender o fenômeno. A autora ressalta que o termo letramento tornou-se necessário por que passamos a enfrentar uma nova realidade na qual não basta apenas ler e escrever, é importante que se aprenda a fazer uso do ler e do escrever, podendo assim responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.

Ou seja, as mudanças sociais geram novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita, assim tornam-se necessários novos termos específicos.

O letramento é um fenômeno de cunho social, e salienta as características sócio-históricas ao se adquirir um sistema de escrita por um grupo social. Ele é o resultado da ação de ensinar e/ou de aprender a ler e escrever, e denota estado ou condição em que um indivíduo ou sociedade obtém como resultado de ter-se “apoderado” de um sistema de grafia. A alfabetização caracteriza-se por se ocupar da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo, no entanto “o letramento foca-se em aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade,” como ressalta (TFOUNI, 1995).

É importante que o professor faça uso dos conhecimentos de mundo que o aluno possui e a relação com a língua escrita, dessa maneira o professor terá a oportunidade de alfabetizar letrando seus alunos.

“Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento...Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado* e *letrado*.” (Soares, 2004, p.47)

Existem vários níveis de alfabetização e de escolarização onde são apresentados níveis muito baixos de letramento. Nesses casos os indivíduos são capazes de ler e de escrever, no entanto, não possuem as habilidades para as práticas que envolvem a leitura e a escrita como por exemplo: não lêem revistas, jornais, bulas de remédio entre outras, nesse caso demonstram grande dificuldade em interpretar aquilo que estão lendo, além de não conseguirem escrever um bilhete ou carta.

Em resumo esse tipo de indivíduo pode ser alfabetizado, mais não é letrado, no entanto, não existe pessoa com zero grau de letramento pois vivemos em uma sociedade grafocêntrica. Uma sociedade grafocêntrica é uma sociedade centrada na escrita, ou seja, é uma sociedade na qual a escrita desempenha um papel importante, pois ela está presente em todas as classes sociais.

Existem diferentes tipos e níveis de letramento, e estão eles ligados às necessidades e exigências de uma sociedade e de cada indivíduo no seu meio social. Soares (2004) ressalta que como qualquer processo de avaliação é exigido uma definição precisa do fenômeno a ser avaliado, entretanto, existem muitas dúvidas em relação às pesquisas sobre níveis de letramento já que essas dúvidas têm sua origem na dificuldade de formular uma definição precisa desse fenômeno e na impossibilidade de delimitá-lo com precisão.

“Essa dificuldade e impossibilidade devem-se ao fato de que letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; conceito de letramento envolve, portanto sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição. (Soares, 2004, p. 65,66.)

Do ponto de vista individual do letramento, em que a leitura é tratada como uma “tecnologia” ela é definida como um conjunto de habilidades linguísticas e

psicológicas, ou seja, trata-se da habilidade em decodificar as palavras e compreendê-las nos textos, isso se estende também se estende à escrita.

Mediante o que foi exposto, espera-se, com o letramento, que se consiga desenvolver nas pessoas múltiplas capacidades para interagir com a sociedade, promovendo novas formas de relações no processo do letramento, pois ele abre caminho para o indivíduo estabelecer conhecimentos do mundo em que vive.



## **2.2 A linguagem oral e a linguagem escrita**

Nesta seção, abordaremos como ocorre a aprendizagem da fala, o desenvolvimento e a relação entre a língua oral, a língua escrita e suas funções.

### **2.2.1 Aprendizagem da língua oral**

A fala é o principal instrumento de comunicação entre os seres, além de efetivar a nossa participação na sociedade. Saber se expressar e utilizar a linguagem é uma forma de expor idéias, produzir e transmitir conhecimentos que são recursos indispensáveis para o exercício da cidadania.

O PCN de Língua Portuguesa (2000), afirma que a língua é um sistema de signos que possibilita o homem expressar suas idéias e produzir o conhecimento de mundo e seu domínio tem constante relação com a participação social.

A língua oral não significa apenas aprender palavras, mas saber o seu significado cultural possibilita o homem representar sua realidade. Ela não é apenas uma representação do pensamento, pode utilizá-la para comunicar idéias de intenções de diversas naturezas.

A linguagem significa dizer algo para alguém e isso pode ser feito de várias formas, é a manifestação do que se pensa e sente. O falar é algo que a criança aprende antes de ir à escola, a língua oral que a criança possui é adquirida no espaço e ambiente em que ela está inserida. O desenvolvimento da linguagem oral da criança variam de acordo como o grau de letramento que a sua comunidade possui.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), a aquisição da linguagem acontece mediante as imitações variadas, a criança produz sons que ouvem da fala dos adultos que carregam diferentes significados. Esses sons produzidos e sua linguagem variam de acordo com o meio social em que vivem, e se convertem em palavras que nomeiam objetos.

“Aprender a falar é, sem dúvida, a tarefa mais complexa que o homem realiza na sua vida. é a manifestação mais elevada da racionalidade humana. As crianças de todos os lugares do mundo, de todas as culturas, de todas as classes sociais realizam isso de um e meio a três de idade. Isso é a prova de inteligência. Toda criança aprende uma língua, e não fala um amontoado de sons.” (Cagliari, 1985, p. 52)

Para Martz, Masini e Perrota (1994) ao nascer a criança é inserida no mundo de sensações e são dirigidas a elas desde o nascimento, palavras que embora não consigam compreender, mas configuram um aspectos do mundo sonoro, ela não distingue o som e sim a entonação expressiva. E através da melodia da fala que é realizada as primeiras interações e estas estão associadas às situações vividas. Os sons não são adquiridos apenas por imitação, mas por um processo de busca da expressão das coisas que vivemos, sentimos e pensamos.

O desenvolvimento da linguagem é um processo adquirido conforme a realidade das pessoas e suas motivações de escutar e dizer, é a tentativa de assemelhar as palavras e as vivências.

Lyons (1981) afirma que toda criança adquire a linguagem por ouvir os adultos falarem a sua volta, independente das diferenças do meio social em que vivem. Elas são capazes de distinguir as palavras quando as ouvem.

Terra (1997), defende que a língua é um bem precioso, tem grande utilidade na vida do homem, pois é o principal meio de comunicação, e sem ela não conseguiríamos viver em sociedade.

A língua é de uso de apropriação do homem e desde pequeno passamos a utilizá-la como veículo de comunicação, e esse processo de apropriação nos acompanhará para sempre. Quando nascemos já encontramos a língua formada para ser usada, basta aprende-la. A fala é individual, cada um tem o seu domínio e pode usá-la como quiser, mas dentro das regras ajustadas ao coletivo dos demais falantes.

A língua oral possui uma estrutura que se aprende desde cedo, quando a criança aprende a falar é capaz de conversar com o seu semelhante adulto mas usando um vocabulário mais restrito. Durante essa aprendizagem da língua oral ela ouve; e extrai regularidades e constroem sua própria linguagem.

### **2.2.2 Entre a oralidade e a escrita**

A língua oral e escrita é fundamental na participação efetiva do homem na sociedade; é por meio dela que ele se comunica, se informa e expressa seus conhecimentos e idéias.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), a escrita é uma maneira de transcrever a linguagem, sendo assim esse processo consiste na relação entre som e grafia. Esse processo deve iniciar pelo fonema associando-o à uma representação gráfica. Para aprender a língua escrita é necessário que já tenha um conhecimento da língua oral, essa consiste combinar vogais e consoantes transformando-as em palavras.

Para Tolchinsky (1995), a linguagem oral precede a linguagem escrita, ela é um pré-requisito para entender o que a língua escrita significa. O conhecimento das coisas antecede o conhecimento das palavras e para ler pronunciam-se palavras e essas devem ser analisadas de acordo com os sons que as compõe. Segundo Andrade (2008), a comunicação pode ser feita através da língua oral ou escrita, embora a língua seja a mesma, algo difere uma da outra, pois não deve escrever como se fala ou vice-versa.

Originalmente havia somente a língua falada, a escrita surgiu com o avanço da civilização, esta adquiriu grande prestígio, mas anterior a ela há uma linguagem oral que serve de suporte para seu desenvolvimento.

A língua falada tem restrição em seu vocabulário, não há preocupação com regras gramaticais, já a escrita para ter clareza necessita de um vocabulário mais rico, e diversificado sendo assim a escrita é uma representação imperfeita de reprodução gráfica de sons.

Matêncio (1994), afirma que a escrita é a transcrição da fala e que ambas tem características próprias, considera-se que a fala ocorre por meio de uma representação sonora que é percebida pelo ouvido, e a escrita por meio de órgãos visuais.

Para pronunciar a fala não é necessário planejamento pois esta ocorre forma espontânea e conjunta, já a escrita é uma atividade individual e que precisa de melhor elaboração dos seus elementos. A fala é mais usada em situações de contato social, e a escrita serve para registrar informações.

Morillo, Curto e Teixidó (2000) colocam que: A linguagem oral e a escrita são variedades da linguagem, portanto para ensinar e aprender à escrita é preciso

utilizar o que é específico da escrita e sua diferença como linguagem oral. É possível entender as suas diferenças analisando suas características.

As situações de comunicação dessas duas linguagens são diferentes pois utilizamos a linguagem oral para expressar ideias acontecimentos na qual atinge mais pessoas. Há uma linguagem oral que carrega características da escrita e esta faz parte do desenvolvimento da criança, que está presente na televisão, rádio e histórias que escutam, etc. Antes de ler e escrever ela tem acesso a uma linguagem que é diferente da conversação.

O aprendizado da língua oral e escrita possibilita a aproximação e a participação da criança em inúmeras atividades sociais, favorecendo a sua inserção cultural. Por meio da linguagem, ela pode se comunicar e se expressar, bem como ampliar seus conhecimentos.

Na linguagem oral e escrita há uma diversidade cultural muito grande, pois cada região tem um modo de falar e utilizam vocabulários diferentes para se expressar. Escrever não é apenas transcrever a linguagem oral, pois é preciso utilizar regras e passar por um processo de elaboração. E ao transcrever a linguagem oral utilizamos uma linguagem mais formal, é preciso regras, deve-se evitar repetições e as ideias devem estar ordenadas, pois ocorre uma construção seguida de revisão e correção do que foi escrito. Esse processo da linguagem oral é necessário para aprender escrever da forma correta e ensina transformar a linguagem cotidiana em escrita.

## 2.3 Ler e contar histórias

### Vôo

*Alheias e nossas as palavras voam.  
Bando de borboletas multicores, as palavras voam  
Bando azul de andorinhas, bando de gaivotas brancas, as palavras voam.  
Viam as palavras como águias imensas.  
Como escuros morcegos como negros abutres, as palavras voam.  
Oh! alto e baixo em círculos e retas acima de nós, em  
redor de nós as palavras voam.  
E às vezes pousam.*

*(Cecília Meireles)*

A história é uma narrativa que se baseia no imaginário de uma cultura; contos, fábulas e lendas são mitos que a sociedade produz. Podemos dizer que o ler e contar histórias são momentos que proporcionam a interação das crianças com a linguagem.

“Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (Fanny Abramovich, 1997, p. 16)

Para Abramovich (1997), a atividade de contar histórias para as crianças é essencial a sua formação, é o caminho para o desenvolvimento de um leitor.

Ler histórias é participar da vida e dos sentimentos dos personagens, nos faz criar situações de curiosidade, fazer perguntas e encontrar soluções, nos proporcionam uma viagem a descobrir lugares o nosso imaginário.

De acordo com a autora para contar histórias é necessário saber como se faz, através dela é possível descobrir coisas novas, palavras diferentes e perceber a sonoridade e o ritmo das frases. É uma arte que envolve o uso simples e harmônico da voz.

A leitura de uma história não pode ser feita sem preparação pegando um livro e iniciando de qualquer jeito. É necessário que o leitor esteja familiarizado com as palavras, para que não haja nenhuma surpresa no decorrer da história e não fique escandalizando com alguma fala. Por isso é preciso ler bem e com atenção o livro antes de iniciar a narração da história, para que durante a transmissão o narrador possa passar confiança e despertar a atenção do espectador para a história.

A autora coloca que para deixar a contação mais interessante e instigante, é bom criar um clima de envolvimento, evitar muitos detalhes e fazer diversos usos da voz, mudando o tom quando necessário, ou para explicitar a característica de algum personagem.

É bom saber o melhor momento para iniciar a contação, aconchegar as crianças e prepará-las para o seu início, falar sem ter pressa aproveitando cada momento da narrativa, tornando a história mais especial e gostosa de ouvir.

### **3.1 A diferença entre ler e contar história.**

Ler histórias para crianças é como fazer um convite para que ela entre no universo mágico, é abrir caminhos à sua imaginação, permite a criança conhecer lugares curiosos, personagens divertidos e possibilita ela criar outras realidades. A relação do contador ou leitor com a criança favorece e aumenta o seu interesse com as situações vividas nas histórias.

Silva (2002), destaca que o ler e o contar histórias são atividades diferentes, mas ambas tem uma importância muito grande na formação da criança. Para fazer a leitura da história é necessário seguir as regras da língua escrita e o contar histórias pode ser feito com o apoio de um livro, ou sem o uso dele, pois o contador sem o livro tem mais liberdade de expressão, pode utilizar a voz e os gestos, mas é preciso técnica e preparo para despertar o interesse das crianças para a contação.

Para Bresciane (2006), a atividade de ler e contar histórias proporciona a criança momentos privilegiados de interação com a linguagem. O hábito de ler e contar tem constante relação com a afetividade, construção da identidade e desenvolvimento da imaginação e permite a criança expressar suas idéias e conhecimentos, esses benefícios ocorrem tanto na leitura como na contação e ambas possuem diferentes características.

A pessoa que vai ler ou contar a história deve antes fazer uma leitura antecipada buscando interpretar os acontecimentos dando sentido a narração. Ao ler uma história devemos utilizar as palavras do jeito que estão escritas, seguindo as normas da língua escrita mas é possível mudar a entonação, diversificar a altura e o timbre da voz de acordo com a fala dos personagens.

“O desenvolvimento dos conceitos, ou significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar.” (Vigotski, 2005, p.104)

A situação de leitura aproxima a criança do mundo letrado, alimentando seu interesse pelos livros, e fazendo-a acreditar que a escrita é um patrimônio humano na qual devemos sempre cultivar.

### **3.2 Como garantir uma boa história.**

É necessário que a pessoa que vai ler ou contar a história goste muito dessa atividade para que possa contar com entusiasmo, o enredo deve ser instigante, além disso, é importante adequar o tamanho e o tipo da história de acordo com as condições das crianças. Durante a contação pode-se utilizar adereços como por exemplo, fantoches.

Ilustrações claras e expressivas são bem vindas durante a representação, preparar um lugar aconchegante facilita o envolvimento da criança. Antecipar a leitura é uma forma de garantir que o momento oficial da narração o contador tenha sucesso consiga chamar a atenção das crianças. Narrar histórias repetidas é fundamental pois através desse processo as crianças se apropriam dos elementos e participam da situação da história.

É importante para a criança interagir com os cenários, manusear livros e estar envolvido com o mundo letrado, expressando sua opinião. Podemos interpretar as histórias de várias maneiras, as crianças tem um jeito particular de compreendê-las e relacioná-las com suas vivências, mergulhando no imaginário das histórias.

“ Com um livro, convidamos a criança a reencontrar a expressão de pensamento de um outro que está ausente. Nós lhe oferecemos o olhar de um artista sobre o mundo. Escolhemos o livro por que somos sensíveis ao jeito desse escritor escrever, nós gostamos do jeito como diz as coisas, suas palavras e sua gramática nos tocam. Ou, ainda, queremos penetrar no universo desse ilustrador que imprime o que acabamos de dizer tão bem. Com os livros, nós emprestamos o talento de um artista para transmitir à criança um olhar sobre a vida. Um outro modo de falar sobre o cotidiano.” (Trecho extraído do livro **Lire dès livres á dès bésbés**, Dominique Rateau, coleção Mille ET um Bébé, Editora Erès, Toulouse, 1999)

## **2.4 A relação entre ouvir histórias e a aquisição e o desenvolvimento da língua escrita e da leitura**

Desde os primeiros meses de vida, a história pode fazer parte da vida infantil. Ao ler ou contar uma história para bebês e para crianças pequenas, os professores abrem caminhos para uma interação surpreendente com o mundo da leitura e da escrita.

Há um desafio em adaptar a prática pedagógica de acordo com as necessidades das crianças voltada para o processo de aquisição da escrita, pois a alfabetização não é mais vista como momento estanque e sim como um processo. E a prática de leitura das histórias infantis podem ser desenvolvidas no ambiente escolar dando a oportunidade de resposta a esse desafio.

O contar histórias é uma atividade que ocorre tanto em casa como na escola e em qualquer cultura e tem grande importância no desenvolvimento da linguagem humana.

As histórias infantis não são utilizadas apenas como entretenimento, e sim como uma forma de abrir caminho para o desenvolvimento da leitura e escrita, e proporciona a criança não só um universo ficcional e sim importância cultural que transmite valores sociais.

Kato (1997), afirma que ao ouvir histórias a criança constrói um conhecimento sobre a linguagem escrita, que não é apenas produzir e interpretar a grafia, mais envolve estrutura textual, funções e recursos linguísticos.

Quando ouvem histórias as crianças aprendem a sua estrutura, e consideram a sequência do texto, e associam fatos aumentando a expectativas de ouvir as histórias. Para prender a atenção de uma criança a história deve despertar sua curiosidade, enriquecer e estimular sua imaginação, favorecendo seu desenvolvimento intelectual.

Oliveira (1993) diz que as pessoas necessitam de uma ilusão que esteja ligada a nossa realidade, e assim desenvolve sua imaginação, e para expressar esse imaginário é necessário desenvolver a função simbólica através de textos, imagens e sons.



Em relação à linguagem escrita percebemos que antes de ler e escrever a criança já tem uma participação ativa no processo de aquisição da escrita.

Ferreiro e Teberosky (1985), afirma que durante o contato com os sinais gráficos a criança evolui de forma gradativa e esse processo é caracterizado por quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Durante o nível pré-silábico a criança não faz correspondência entre grafia e som, nessa fase ela não se preocupa com a qualidade das suas produções e não percebe a quantidade de letras que utiliza para escrever. Já Rego (1990), defende que a representação gráfica de um objeto está relacionada a seus atributos, ou seja, a criança usa muitas letras para representar um objeto grande e poucas para objetos pequenos.

Já no nível silábico a criança percebe que pode representar graficamente a língua oral, e estabelece uma relação entre grafia e som, fazendo tentativas, e tenta expressar graficamente alguma coisa, mesmo sabendo que não pode ser decifrado e com essa correspondência que ela faz, vai iniciando o nível silábico-alfabético. E começa a ocorrer um conflito, então percebe que para cada representação gráfica há um som, e assim estabelece uma relação entre grafia e fonema, reformula a produção e define a hipótese alfabética.

Com essa evolução para o nível alfabético, a criança já percebe a relação entre grafia e som, é capaz de diferenciar letras, sílabas, palavras e frases.

Bresciane (2006), afirma que ao oferecer situações de leitura para a criança, estamos aproximando-as do mundo letrado.

As histórias proporcionam uma interação da criança com a linguagem, e abrem caminho para o desenvolvimento da língua oral e escrita e suas funções.

Para Mayrink-Sabinson (1995), o sujeito age de acordo com as informações que recebe do ambiente que vive e assim produz uma linguagem, deixando de lado a parte teórica do contexto e passa a mediar o processo de aquisição da linguagem escrita a qual o adulto enfoca um papel importante nas interpretações e produções gráficas do sujeito.

Essas interpretações dão um significado a produção da criança, dessa forma o adulto transforma suas ações, e admite uma situação dialógica no processo de aquisição da escrita.

Então podemos dizer que a leitura e escrita são atos de codificação e decodificação, identificação de palavras e movimentação ocular, assim aprender a ler e escrever implica na construção de significado dessas atividades.

Segundo Abramovich (1991), quando ouvem histórias a criança tem uma visualização mais clara dos sentimentos do mundo, as histórias trabalham problemas existenciais da infância, e pode-se descobrir outros lugares e regras, também é descobrir novos assuntos, assim quanto mais cedo a criança tiver contato com o livro ela vai perceber o prazer que a leitura proporciona, pois a criança adquire uma postura crítico-reflexivo, tornando-a um adulto leitor.

Já Sandroni e Machado (2000) colocam que, desde muito cedo a criança percebe que o livro é algo importante, que transmite coisas boas e dá prazer, e pode ser tocado, folhado a partir daí a criança começa a gostar de livros e percebe o mundo fascinante que é representado por meio de palavras e desenhos.

O interesse pelos livros não surge de repente, um adulto deve ajudar a criança nessa descoberta incentivando-os a prática da leitura.

Coelho (2002) afirma que o desenvolvimento da criança passa por estágios psicológicos que precisa ser respeitados, de acordo com o amadurecimento psíquico da criança, os livros devem ser adequados as etapas que elas estão vivendo, existem cinco fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor em processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

Na fase de um pré-leitor a criança conhece o mundo através do afeto e do tato, ela sente necessidade de tocar um objeto, a aquisição da linguagem também é um momento importante nesta fase, pois a criança passa a nomear tudo a sua volta, sua percepção com o meio em que vive, e com objetos que ela passa a manusear e a nomeá-los propicia uma situação de leitura. Já na fase do leitor iniciante a criança começa a decodificar o símbolos gráficos, mas essa fase ainda se encontra em processo de desenvolvimento.

O leitor e processo tem um pensamento desenvolvido, e sente grande atração por textos bem humorados, e devem conter imagens e uma comunicação objetiva.

O leitor fluente, tem capacidade de concentração, e desenvolve seu pensamento dedutivo, tem atração por histórias que apresentem heróis que lutam por um ideal, e interessam-se por lendas romances e aventuras. O leitor crítico tem domínio total de leitura e linguagem escrita, tem maior capacidade de reflexão e consciência crítica do mundo, e seu convívio com o texto literário deve ultrapassar o prazer e emoção e penetrar no mecanismo da leitura.

Aquele que sabe da importância da literatura na vida de uma pessoa, reconhece a importância e os benefícios que uma história bem contada pode proporcionar e certamente saberá que não há prazer maior do que tocar as páginas de um livro e descobrir um mundo repleto de encantamento.

## CONCLUSÃO

Desenvolver a leitura é um processo constante, que se inicia desde muito cedo, principalmente em casa, a escola deve trabalhar no processo de aperfeiçoamento desse bem que carregamos pela vida inteira. Existem vários fatores que influenciam no interesse pela leitura. As histórias que as crianças ouvem faz com que ela tenha um contato direto com os livros, pois estes servem de estímulos, desenvolve e amplia o vocabulário e prepara a criança para a leitura.

Pode-se dizer que o interesse e capacidade de ler da criança está no incentivo que ela recebe dos pais e professores, essa motivação está ligada ao ensinar a ler e gostar dessa prática.

É necessário proporcionar a criança, uma leitura natural, introduzindo doses diárias e não forçar uma situação para que ela não veja a leitura como um obrigação e sim como um ato prazeroso. Algumas pessoas podem pensar que as histórias não tem importância, mas quando bem contada fornece benefícios para uma vida inteira, além de ajudar no desenvolvimento da linguagem oral, leitura e escrita. Percebemos que as histórias infantis têm grande influência na aquisição da leitura e escrita, pois estas atividades são essenciais na vida escolar da criança e na sua participação na sociedade.

Como professoras, sentimos a necessidade de conhecer e estudar esse assunto procurando a melhor forma de ajudar o aluno em sua aprendizagem. E descobrimos uma forma mais simples e descontraída de ajudar a criança desenvolver a atividade de leitura e escrita: ouvindo histórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Maria Teresa; JOSÉ, Elisabete de Assunção. *Problemas de Aprendizagem*. 5ª Ed. São Paulo. Ática, 1993

FONSECA, Vítor da. *Introdução as dificuldades de aprendizagem*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A.B. *Modelos teóricos: fundamentos para o exame da relação teoria e prática na área da leitura*. Trabalhos de Linguística Aplicada 3. 1984.

\_\_\_\_\_. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas, São Paulo. 1993 .

SOARES, Magda. *Letramento em Três Gêneros*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Vigotski, L.S. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. 3ª Ed. São Paulo. 2005.

\_\_\_\_\_. *Formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

TFOUNI, Le da Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez. 1995

FERREIRO. Emília; TEBEROSKY. Ana. *Psicogênese da Língua escrita*. Porto Alegre. Artes Médicas Sul. 1999

BRASIL. Secretária da Educação Fundamental. *PCN: Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro. DPe A. 2000

MARTZ, Laura Wey et AL. *Histórias de Contar e de Escrever a Linguagem no Cotidiano*. São Paulo. Summus. 1995

TOLCHINSKY. Líliliana. *Além da Alfabetização*. Editora Ática. São Paulo. 1995

ANDRADE. Maria Margarida de. *Língua Portuguesa: Noções Básicas para Cursos Superiores*. 8ª Ed. São Paulo. Atlas. 2008

TERRA. Ernani. *Linguagem, Língua e Fala*. São Paulo. Scipione. 1997

LYONS. John. *Linguagem e Lingüística*. Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora. S.A. 1981

BRESCIANE. Ana Lúcia. *Era uma vez para crianças pequenas*. Revista Avisa lá. São Paulo. Nº27. Junho 2006

ABRAMOVICH. Fanny. *Literatura Infantil: Gosturas de Bobices*. 2ª Ed. Scipione. São Paulo. 1991

SILVA. Cláudia Marques Cunha (2009) *A Importância de contar histórias para as crianças.*

<http://psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.Asp>

MORILLO.Maribel Ministrál et. AL. *Escrever e Ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler.* Porto Alegre. Editora Artmed. 2000